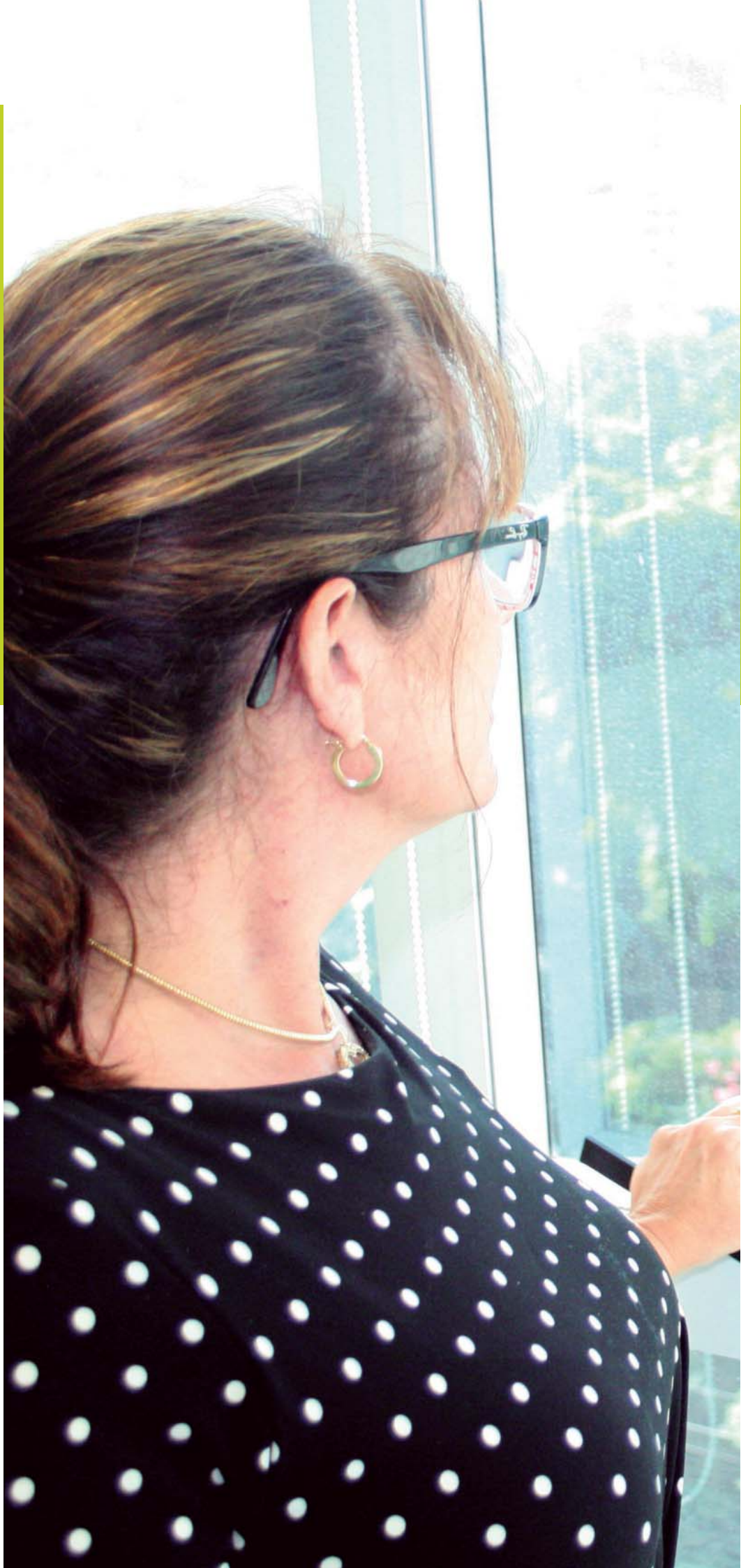


Entrevista



A extensão tem o papel de trocar conhecimento com a sociedade

Graziela de Luca Canto

*A entrevistada desta edição da Revista Caminho Aberto tem uma longa relação com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do curso de Odontologia há 24 anos, **Graziela de Luca Canto** formou-se na instituição em 1986. Após realizar o mestrado na Universidade de São Paulo (USP), voltou para casa para o doutorado. Ao longo de sua passagem como servidora, foi coordenadora do curso de Odontologia, onde teve a oportunidade de atuar com diversos projetos de extensão. Desde maio de 2016 é editora da Revista Extensio, publicação eletrônica da UFSC sobre extensão, onde também é membro do Conselho Consultivo. A publicação completa 13 anos em 2017 e nesta entrevista Graziela conta os principais desafios da publicação em seu primeiro ano na gestão, os desafios, realizações e dificuldades. Além disso, comenta o papel da extensão nas universidades e a necessidade da implantação da curricularização da extensão nos projetos dos cursos.*

Caminho Aberto Quando você assumiu, qual era a situação da Revista Extensio e quais medidas foram tomadas para sua melhoria?

Graziela de Luca Canto Quando assumimos a gestão, a primeira coisa que fizemos com relação à revista foi fazer reuniões com a biblioteca, pois ela está inserida no portal da biblioteca, no sentido de descobrir o que nós poderíamos fazer para melhorar a publicação. Em algumas áreas ela já é Qualis (conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual) B4, outras B3 e em outras ela não tem classificação. Nós queríamos que ela subisse um pouco nesses conceitos. Como uma revista de extensão é uma publicação multidisciplinar, recebemos a orientação que seria bem mais difícil melhorar a classificação do que para uma revista científica especializada em uma área. Outro aconselhamento que tivemos foi para que ela tivesse, pelo menos, três edições por ano e que fosse mantida uma data de publicação certa da revista. A periodicidade dela se dava para quando podia. Agora estabelecemos que a cada quatro meses vamos lançar uma. Abril, agosto e dezembro. Se tivermos alguma edição especial ela será acrescida às três habituais.

Caminho Aberto E como é a seleção dos artigos, vocês recebem muitos pedidos?

Graziela de Luca Canto Sim. Hoje nós temos uma servidora que trabalha só com isso, o que foi uma medida tomada nessa gestão, também. Esses artigos chegam pelo sistema da

biblioteca e ela encaminha para o editor-chefe, que vê se ele está no escopo da revista. Se está, ele envia para dois revisores independentes que fazem um parecer sobre esse artigo. Com base nesse parecer o editor emite um parecer final de “aceito”, ou “aceito como pedido de revisão”, ou ele é rejeitado. Podemos ser bastante criteriosos, pois temos muitos envios de artigos.

Caminho Aberto Qual a área que mais apresenta artigos?

Graziela de Luca Canto A saúde, sempre. Quando nós fazemos a feira da extensão (Sepex - Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão) o maior número de estandes é da saúde também. Nós lançamos um edital de extensão para bolsistas e novamente a área da saúde foi a que mais teve inscritos, foram 170 projetos inscritos nesse edital. O Centro Sócio-Econômico foi o segundo com 64 inscritos.

Caminho Aberto E porque a área da saúde se destaca nesse caso?

Graziela de Luca Canto A saúde já carrega consigo essa vocação da extensão. Desde o começo dos cursos há o contato com o paciente, com a comunidade. Desde a primeira fase há essa interação. Isso ajuda na hora de compreender o que é a extensão.

Caminho Aberto Mesmo com pouco tempo de gestão, qual a principal conquista da revista até então?

Graziela de Luca Canto Essa questão de ter um servidor para cuidar especificamente da revista foi um avanço. Quando chegamos esse trabalho era feito por um professor, que dispunha somente de 10 horas por semana para a tarefa. Nós entendemos que os serviços, seja da revista ou da Pró-reitoria de Extensão, têm que acontecer normalmente, independentemente de quem esteja na gestão. Então, esse professor continua, só agora ajudando essa servidora. Ou seja, se ele sair do corpo editorial da publicação, a revista continua normalmente. Isso ajuda muito na sistemática, fazendo com que a revista seja publicada nas datas certas. Ele tem feito cursos em conjunto com a biblioteca para aprimorar esse serviço. Isso foi algo que trouxe muito resultado.

Caminho Aberto E a principal dificuldade?

Graziela de Luca Canto Outra coisa que temos trabalhado para melhorar a classificação da revista é tentar conseguir um número maior de revisores internacionais. Só que a dificuldade, pelos moldes atuais da revista, está em ter que encontrar uma pessoa que more no exterior e esteja vinculado a uma universidade, fale português, pois terá de corrigir os artigos nessa língua, e ainda entenda de extensão. Temos trabalhado na captação desses profissionais e conseguimos até bons resultados, pois há muitos brasileiros vivendo no exterior. A ideia é tentar um corpo editorial com mais pessoas de fora do país mesmo. Na Câmara de Extensão nós temos um professor de cada centro de ensino, são 15 no total, e que são também as áreas abrangidas pela revista. Então nós pedimos que cada representante buscasse captar revisores para o corpo editorial de suas áreas e com essas características que estamos buscando. A ideia é ter um dia um tópico especial de cada uma dessas áreas para buscar a internacionalização.

Caminho Aberto Essa busca pela internacionalização é uma das metas para o futuro?

Graziela de Luca Canto Pensamos em aumentar o número de artigos em inglês. Isso gradativamente até que um dia ela fique toda nessa língua, para que tenhamos visibilidade internacional. Hoje ela é toda em português, temos os resumos em inglês e espanhol mas os textos integrais são em português. Criamos um tópico especial, onde convidamos um professor que tem um projeto de extensão muito bom aqui da UFSC e ele publica um artigo e nós o colocamos nas duas versões, português e inglês. Não é um artigo convencional, é um convite especial. Sempre que há um projeto de destaque nós vamos visitar o projeto *in loco*. Se achamos que vale a pena a publicação nós convidamos esse professor para escrever o artigo do tópico especial.

Já tivemos sobre as equipes de competição da UFSC, outro sobre os projetos da maricultura em Florianópolis, que gera sementes para ostras. Na próxima sairá um projeto de um professor

da engenharia mecânica que trabalha com próteses médicas. Estamos tentando também para uma próxima edição um artigo sobre os laboratórios Pronto 3D, que trabalham com máquinas a laser e que prestam serviço para a comunidade.

Caminho Aberto ***Você não acha que publicar a revista somente em inglês pode enfraquecê-la localmente?***

Graziela de Luca Canto Acredito que não. Hoje há muitas revistas já publicadas somente em inglês e isso não as enfraqueceu. Essas revistas multidisciplinares não são indexadas em bases específicas, mas as pessoas conseguem localizar o conteúdo em pesquisas no Google, por exemplo, seja do Brasil ou do Exterior. Então, essa ideia de publicar artigos também em inglês é para que consigamos divulgar melhor os projetos de extensão aqui da comunidade, que são muito bons. A ideia é atingir esse objetivo até o fim da gestão, em 2020.

Caminho Aberto ***Como você vê o papel da revista como ferramenta de incentivo à extensão universitária?***

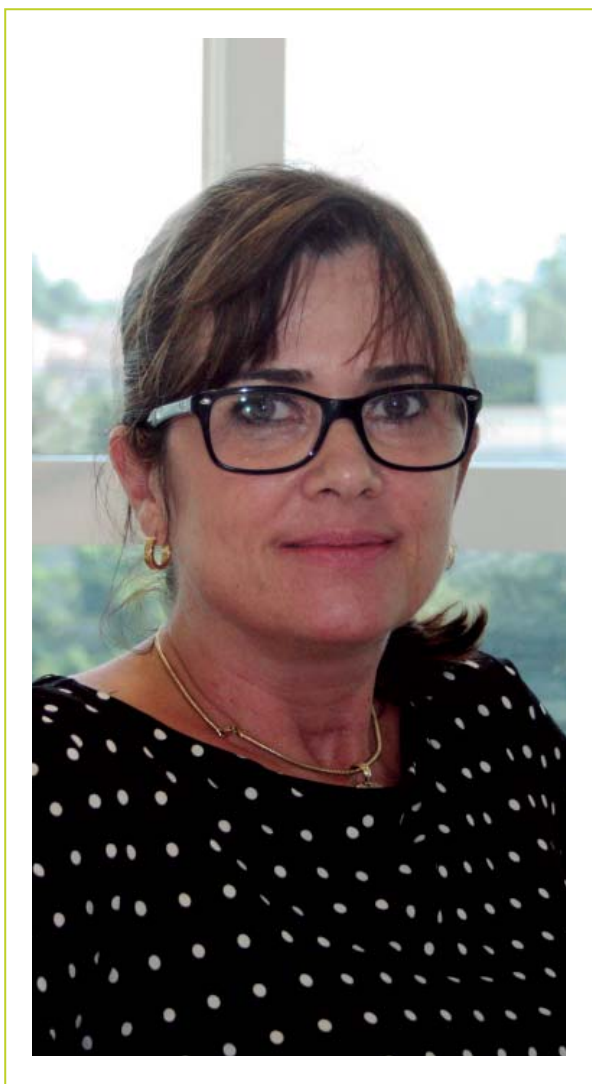
Graziela de Luca Canto A revista é extremamente importante, pois de alguma forma ela concretiza o trabalho do extensionista. Nós temos certa dificuldade em comparação com a pesquisa, pois é uma coisa mais palpável. A pesquisa tem inúmeras formas de publicação, enquanto que na extensão o professor tem dificuldade em mostrar para os outros os seus projetos. Então, a revista serve como oportunidade de publicar o projeto na forma de artigo e, assim, publicizar aquilo que ele está fazendo.

Caminho Aberto ***E essa visibilidade gera o interesse de outros a realizar projetos?***

Graziela de Luca Canto Não só de realizar, mas de participar. As vezes ele tem um projeto com uma temática muito parecida, mas não sabia que já havia um outro professor que trabalhava com aquilo. Por exemplo, projetos na área da alimentação. Nós temos no curso de Nutrição e em cursos das ciências agrárias. Nutrição infantil é uma outra área com projetos desde a medicina até outras áreas da saúde. E quando você dá visibilidade a isso, os professores podem entrar em contato e aumentar essa rede de pesquisa. Com isso, ajuda na criação de equipes multidisciplinares.

Caminho Aberto ***O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014, visa assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária. Como isso tem sido trabalhado aqui na UFSC e qual o papel da revista nessa sensibilização?***

Graziela de Luca Canto Nós estamos trabalhando a curricularização da extensão ainda fazendo as reuniões iniciais. Há uma dificuldade pela situação de cada área em relação ao entendimento da extensão. Quando realizamos essa reunião com a área da saúde, por exemplo, ela já entende muito bem o que tem que fazer. Em outras áreas há bem mais dificuldade, pois são cursos com pouco contato com a comunidade, que estão acostumados a trabalhar apenas dentro da universidade, não tem o hábito de prestar serviços para a comunidade externa. A extensão tem o papel de fazer a transferência de conhecimento da universidade para a sociedade. E isso só é possível por meio do contato fora dos muros da instituição. Trouxemos a professora Ana Inês Sousa (superintendente acadêmica de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e temos um novo seminário sobre o assunto em maio e após isso cada curso vai trabalhar separado no modo de atender essa regulamentação. A curricularização vem para ajudar demais toda a extensão, não só a revista. Hoje, o professor que realiza um projeto é quem tem que ir em busca do aluno para colaborar. Num primeiro momento pode soar estranho ser obrigatório (a carga horária de 10%), mas quando implementado a expectativa é de que a ordem se inverta: os alunos vão começar a procurar os professores para participar dos projetos. Isso tende a fazer com que tenhamos um número muito maior de projetos e, conseqüentemente, de serviços para a comunidade. No caso da revista, o professor e o aluno passaram a ver o trabalho concretizado e isso estimulará novos projetos.



Caminho Aberto *Isso corrobora, então, para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão...*

Graziela de Luca Canto Isso, são três pilares que não dá para separar. Como proporcionar um ensino para o aluno onde ele não sabe como devolver para a sociedade aquele potencial? É basicamente isso. Ele tem que saber usar o que ele aprendeu aqui em benefício da comunidade.

Caminho Aberto *Muito se fala do professor como promotor de um projeto de extensão, mas há um papel fundamental do aluno como captador de projetos. Essas ferramentas vão ajudar a fomentar essa ideia?*

Graziela de Luca Canto Não só do aluno. A demanda pode vir da própria comunidade. Na área da saúde, novamente, os alunos frequentam regularmente as Unidades Básicas (postos) da cidade realizando atividades ligadas ao ensino. No entanto, eles podem, dentro dessa atividade, descobrir uma demanda específica daquela comunidade e trazer para, juntamente com o professor, montar o projeto de extensão e aplicá-lo de volta na comunidade. Não existe outro modo de entender a universidade sem aceitar que ela tem a obrigação de retornar o conhecimento para a sociedade. Fizemos pesquisas iniciais e alguns professores dizem que não tem como encaixar no currículo. Para nós, que temos a extensão desde sempre presente, fica difícil entender como que não há espaço no currículo. Está se formando esse aluno como? Para quê? E para quem? Então, acredito que vai gerar uma certa polêmica, vai ter momentos de discussão, de reflexão, mas, no final, todos vão sair ganhando. Não só a comunidade, mas os cursos também. Vai tirar um pouco a visão estritamente técnica da formação, ela vai ficar mais humanizada.

Caminho Aberto *Como você vê a aproximação das universidades e institutos federais com relação à extensão?*

Graziela de Luca Canto Temos feito muitas parcerias. Na última vez que a professora Ana Inês veio os custos foram divididos entre o IFSC e a UFSC. Pois muitas das necessidades são as mesmas, então é muito bom que a UFSC participe de eventos do IFSC e vice-versa.

Caminho Aberto *Quais seriam essas necessidades?*

Graziela de Luca Canto No ano passado tivemos um evento em Balneário Camboriú que contou com a presença de outras entidades, como a Udesc e outros institutos, não só de Santa Catarina. Em breve teremos o fórum de pró-reitores que vai ser mais um momento de aproximação. As necessidades são no sentido de entender a extensão explicando-a para as diversas áreas. Muitos professores fazem pesquisa que servem para colocar na gaveta ou no currículo do pesquisador. A extensão tem esse poder de mostrar que um projeto pode ser científico e ainda ser prático, atuando numa demanda da sociedade. Isso exige um trabalho de convencimento.

Caminho Aberto *A expansão da UFSC é, de certa forma, recente. Com os novos câmpus (Araranguá, Curitiba, Joinville e Blumenau), como tem sido esse trabalho de fortalecimento da extensão?*

Graziela de Luca Canto Temos ido nesses câmpus e trabalhado constantemente com eles. No ano passado, os incentivamos a realizarem as suas Sepex (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão), em vez de virem para cá e participar da semana organizada pela reitoria. Isso tem o objetivo de que a comunidade local tomasse conhecimento dos projetos que são realizados lá.

Os polos de Blumenau, Curitiba e Joinville aderiram e fizeram dessa forma. Esperamos que Araranguá também possa aderir este ano. Começamos agora a fazer um curso de treinamento de coordenadores de extensão. Nós víamos que os coordenadores tinham muita dificuldade de entender como que se faz um projeto, o que ele deve olhar para avaliar um projeto, enfim, coisas inerentes à função. Então começamos a fazer esse treinamento e tem sido um sucesso, esgotando as vagas rapidamente nessa primeira turma. Em breve daremos esse treinamento também para os coordenadores desses polos.

Caminho Aberto ***A ideia é descentralizar a extensão?***

Graziela de Luca Canto Exatamente. Primeiro que a Sepex é muito grande, só no ano passado foram 110 estandes. É impossível ela se tornar itinerante. Isso que muitos projetos ficam de fora da feira, há uma seleção. São cerca de 400 pedidos de bolsas para projetos todas as vezes que há editais abertos. Então, não tem como ficar fechado a um lugar.

Caminho Aberto ***Além da Sepex, a UFSC realiza outras ações de fortalecimento da extensão?***

Graziela de Luca Canto Uma vez ao ano nós realizamos o Conhecendo a Extensão da UFSC, um evento onde os coordenadores dos projetos são convidados a apresentá-los aos outros coordenadores. A ideia é ter momentos de discussão e que possamos ter equipes interdisciplinares. Isso fortalece o projeto e fica mais fácil captar recursos do governo federal. Cada centro de ensino tem um coordenador de extensão (são 15 centros) e eles selecionam os projetos que serão apresentados. Outra meta nossa é incentivar os professores a participar de editais que são disponibilizados pelo governo federal para captar recursos para a universidade.

Caminho Aberto ***A ideia é fazer da extensão um potencial para a prestação de serviços e captação de recursos?***

Graziela de Luca Canto Sim. Nós temos muitos laboratórios que podem realizar exames, testes e etc. Só com a quantidade interna não é suficiente para manter o laboratório em termos de recurso, pois é a universidade que tem que providenciar todo o equipamento e os insumos necessários, e ainda tem o uso como atividade de ensino. Então, estamos fomentando e regularizando uma forma para que esses espaços sejam usados pelo público externo, seja prefeituras ou outros agentes. Para que pelo menos esses recursos sejam usados para manter o laboratório. Isso entraria também como uma prática de extensão.

Caminho Aberto ***O futuro da extensão pode ser, além do retorno à comunidade, uma aproximação com esses serviços?***

Graziela de Luca Canto Acho que isso não deixa de ser um retorno à sociedade. Nós temos indústrias, por exemplo, que querem testar algum material. Aí o nosso laboratório de engenharia de materiais pode realizar esse serviço. A indústria tem o dinheiro, nós temos a tecnologia para fazer o teste, por que devemos fazê-lo gratuitamente? Vamos usar os insumos, o maquinário, o material humano e tudo mais. Então, o laboratório monta o projeto como atividade extensão, presta o serviço para aquela indústria e recebe o pagamento, via fundação, que será usado para manter e investir no próprio laboratório. Além disso, esse recurso não entra na conta única da instituição. Ele entra como a reversão obrigatória para aquele laboratório em questão. Nós temos o SIGPEX (Sistema de Registro de Projetos de Extensão) e isso está contemplado como uma modalidade de extensão (as modalidades são: projetos, programas, cursos e prestação de serviços).

Caminho Aberto ***Uma outra iniciativa da Pró-reitoria é a Escola de Extensão. Como essa ferramenta vai funcionar?***

Graziela de Luca Canto A ideia é agrupar todos os cursos de extensão que estão sendo ministrados aqui na UFSC e ofertá-los para a comunidade externa. São cursos de curta duração, e que podem ser remunerados na forma de cobrança da taxa de inscrição. Percebemos que

havia cursos isolados, os ministrantes faziam essas atividades lá vinculadas ao seu centro e projeto. Se quiséssemos pegar uma lista de todos os cursos que a UFSC oferece para a comunidade externa nós não conseguíamos. Então, montamos esse projeto de agrupar os cursos. Lançamos o edital e todos os servidores que quiserem lançar cursos naquele ano devem se inscrever no edital. Com isso, nós apoiamos o coordenador do curso contemplado com material impresso, identidade visual e afins. Isso pode ser desde um curso livre até um para atender a uma necessidade de uma empresa ou instituição.

Entrevistador: Rafael Xavier dos Passos